

SETEMBRO

FICHAS DE LEITURA

Acompanhamento Mensal da Leitura

1º ao 6º Ano

ACOMPANHAMENTO MENSAL DA LEITURA



Orientações

► Preenchimento da *Ficha de Acompanhamento Mensal da Leitura*

Professor(a), a partir do mês de maio, serão encaminhados dois textos com tipologias diferentes para que você possa variar as possibilidades de leitura.

▪ A escuta deve ser feita individualmente, considerando o cronograma indicado no documento

Acompanhamento Mensal da Leitura e os estágios definidos no instrumento de registro:

1. Não leu, ou disse letras, ou palavras ausentes no texto.
2. Nomeou letras isoladas/soletrou.
3. Leu palavras de forma silabada.
4. Leu corretamente sem respeitar os elementos prosódicos (ritmo, entonação e pausas) básicos do texto.
5. Leu corretamente respeitando os elementos prosódicos (ritmo, entonação e pausas) básicos do texto.
6. Leu e atribuiu sentido ao texto.

▪ Durante a leitura, observe o desempenho do estudante e marque, no instrumento, o estágio em que ele se encontra.

▪ Valorize as tentativas de leitura dos estudantes que estão nos estágios 1, 2 e 3, tendo em vista que, ainda, não conseguem ler o texto integralmente.

▪ Ao término da leitura, faça perguntas que lhe permitam identificar se houve ou não compreensão. Se o estudante atribuir sentido ao texto, marque, apenas, o estágio 6.

▪ Ao término de cada acompanhamento mensal, preencha o cartaz afixado na porta da sala.



TEXTO I



Ficha de Leitura

TRECHO DO LIVRO A CESTA DE DONA MARICOTA

DONA MARICOTA: BOM DIA, SEU ZÉ! QUE FRUTAS BONITAS VOCÊ TEM HOJE!

SEU ZÉ: BOM DIA, DONA MARICOTA! SÃO AS MELHORES DA REGIÃO! QUER EXPERIMENTAR?

DONA MARICOTA: HUM, QUE DELÍCIA! VOU LEVAR UMA DÚZIA DE LARANJAS E UM CACHO DE UVAS.

SEU ZÉ: ÓTIMA ESCOLHA! VAI TUDO FICAR MUITO GOSTOSO.

EMÍLIA NUÑEZ



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Quem vende frutas?
2. Quais frutas dona Maricota comprou?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O PASSARINHO E A TEMPESTADE

UM PASSARINHO PEQUENO ENFRENTOU UMA GRANDE TEMPESTADE. ELE ENCONTROU ABRIGO EM UMA ÁRVORE FORTE. QUANDO A TEMPESTADE PASSOU, ELE AGRADECEU À ÁRVORE E PLANTOU SEMENTES AO REDOR PARA QUE CRESCESSEM MAIS ÁRVORES FORTES.

Disponível em www.ieducacao.com.

**Compreensão Textual**

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Onde o passarinho se escondeu da chuva?
2. Por que o passarinho plantou sementes?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Trecho da história O Gato de Botas

Gato: Meu nobre Marquês de Carabás, o que está fazendo?

Jovem: Estou perdido e sem esperanças.

Gato: Não se preocupe. Siga-me e eu farei de você um homem rico e feliz.

Jovem: Mas como?

Gato: Isso é segredo meu!

Charles Perrault



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Quais personagens aparece no trecho lido?
2. Quem está perdido e sem esperanças?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O Segredo da Floresta

A pequena Luna adorava brincar na floresta perto de casa. Um dia, ela encontrou uma trilha escondida, diferente de todas as outras. Curiosa, Luna seguiu o caminho e chegou a um lugar mágico, com árvores brilhantes e flores coloridas. Um coelho falante a recebeu e revelou que aquele era o lar de criaturas encantadas. Luna brincou com todos, aprendeu sobre a importância da natureza e prometeu voltar sempre. A floresta, antes misteriosa, tornou-se seu refúgio secreto.

Disponível em https://historinhasinfantis.com.br/historia-para-dormir-o-segredo-da-floresta-brilhante/#google_vignette

**Compreensão Textual**

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que a pequena Luna encontrou na floresta que a levou para um lugar mágico?
2. O que a Luna aprendeu com as criaturas encantadas?

TEXTO I



Ficha de Leitura

O sanduíche da Maricota

A galinha Maricota preparou um sanduíche: pão, milho, quirera e ovo. Mas quando ia comer... a campainha tocou. Era o bode Serafim, que olhou o sanduíche e exclamou:

— Vixe! Falta aí um capim.

Aí chegou Kim, o gato, cumprimentou a galinha e, vendo o sanduíche palpitou:

— Falta a sardinha.

João, o cão, também veio com seu jeito de bom moço. E, educado, sugeriu:

— Coloquem nele um bom osso.

Sempre zumbindo e agitada chegou a abelha Isabel. Olhou o esquisito recheio:

— Melhora se puser mel.

Da janela, ouvindo o papo, muito metido a bacana, falou, convencido, o macaco:

— Claro que falta banana!

— Banana? Sardinha? Mel? — era o rato Aleixo — Milho? Osso? Capim? Argh!!!

Vocês esqueceram o queijo!

A brincadeira acabou quando a raposa Celinha olhou bem pra Maricota e falou:

— Falta galinha!

Maricota ficou brava:

— Fora daqui, minha gente!

Jogou fora o sanduíche e começou novamente; pão, milho, quirera e ovo. Como era para ter sido.

— Quem quiser que faça o seu com recheio preferido.

GUEDES, Avelino. O sanduíche da Maricota. São Paulo: Moderna, 2016



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que Maricota colocou no sanduíche dela no começo da história?
2. Por que Maricota ficou brava no final da história?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O lobo e o carneiro

Personagens

Lobo

Carneiro

Cenário

Beira de um riacho

O Carneiro bebe água beira de um riacho. Surge lobo que se esconde atrás de uma Moita.

LOBO (para a plateia): Ora...ora... Acho que teremos Carneiro para o jantar... Mas não sou tão mau assim: primeiro preciso encontrar um bom motivo para matar este pobre bichinho... (*Sai de seu esconderijo e salta diante do Carneiro.*) Arrá! Sujando a minha água de beber, hein?!

CARNEIRO (assustado, mas tentando argumentar): Eu não sujo a água, porque bebo com a pontinha dos lábios.

LOBO: E quem garante que essa sua boca está limpa?

CARNEIRO: Acabei de escovar os dentes e...

LOBO: Arrá! Então sujou a água com a espuma de pasta de dente!

CARNEIRO: Isso é impossível! O riacho corre daí para cá: como poderia estar sujando a sua água de beber?

LOBO (sem se dar por vencido): Pode ser... Mas há dois anos, você xingou meu pai!

CARNEIRO: Há dois anos eu nem era nascido!...

LOBO (agarrando o Carneiro): Ah, não interessa: vou te devorar assim mesmo...

CARNEIRO (para a plateia): Quando alguém quer fazer o mal, nem adianta tentar mostrar que ele está errado.

CAI O PANO. FIM.

ARAGÃO, José C. O lobo e o carneiro. In: ARAGÃO, José C. No palco, todo mundo vira bicho! Novas fábulas de Esopo adaptadas para teatro. São Paulo: Planeta das Crianças, 2007.p.24-26.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Por que o lobo queria encontrar um motivo para atacar o carneiro?
2. Você acha que o lobo foi justo com o carneiro? Por quê?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Pluft, o Fantasminha

Maria Clara Machado

PLUFT: Mamãe!

MÃE: O que é, Pluft?

PLUFT: *(Sempre com o boneco de pano)* Mamãe, gente existe?

MÃE: Claro, Pluft. Claro que gente existe.

PLUFT: Mamãe, tenho tanto medo de gente! *(Larga o boneco)*

MÃE: Bobagem, Pluft.

PLUFT: Ontem passou lá embaixo, perto do mar, e eu vi.

MÃE: Viu o que, Pluft?

PLUFT: Vi gente, mamãe. Só pode ser. Três.

MÃE: E você teve medo?

PLUFT: Muito, mamãe.

MÃE: Você é bobo, Pluft. Gente é que tem medo de fantasma e não fantasma que tem medo de gente.

PLUFT: Mas eu tenho.

MÃE: Se seu pai fosse vivo, Pluft, você apanharia uma surra com esse medo bobo. Qualquer dia destes eu vou te levar ao mundo para vê-los de perto.

PLUFT: Ao mundo, mamãe?!

MÃE: É, ao mundo. Lá embaixo, na cidade...

PLUFT: *(Muito agitado vai até a janela todo embaçada. Pausa)* Não, não, não. Eu não acredito em gente, pronto...

MÃE: Vai sim, e acabará com estas bobagens. São histórias demais que o tio Gerúndio conta para você.

PLUFT: Olha, mamãe, olha o que eu descobri! O que é isto?!

MÃE: Isto tio Gerúndio trouxe do mar.

(Pluft fora de cena continua a descobrir coisas, que vai jogando em cena: panos, roupas, chapéus etc.)

PLUFT: Por que tio Gerúndio não trabalha mais no mar, hem, mamãe?

MÃE: Porque o mar perdeu a graça para ele...

PLUFT: Vamos brincar, tá bem? Finge que eu sou gente. *(Veste-se de fraque e de cartola)*

MÃE: *(Sem vê-lo)* Chega de fazer desordem, meu filho. Você acaba acordando tio Gerúndio. *(Ela olha para o baú)*

PLUFT: *(Pé ante pé, chega por detrás da cadeira da mãe e grita)* Uuuuh! *(A mãe leva um grande susto e deixa cair as agulhas e o tricô)* Eu sabia! Eu sabia que você também tinha medo de gente. Peguei! Peguei! Peguei mamãe com medo de gente... Peguei mãe com medo de gente!...

MÃE: Pluft, você quer apanhar? Como é que eu posso acabar o meu tricô para os fantasminhas pobres, se você não me deixa trabalhar?

Disponível em <https://teatronasaladeaula.com.br/pluft-o-fantasminha/>



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Por que Pluft tem medo de gente e como a mãe dele reage a esse medo?
2. Pluft diz que sua mãe também tem medo de gente. Como ele chegou a essa conclusão?

TEXTO II



Ficha de Leitura

OS TRÊS IRMÃOS

Três irmãos, há muito e muito tempo, viviam em uma pequena aldeia no antigo reino do Congo. Os rapazes eram perdidamente apaixonados pela princesa real. Mas como eram simples aldeões, sabiam que nenhum deles poderia se casar com a moça.

Desiludidos, os três saíram mundo afora, em busca de uma nova vida.

Andaram, andaram e andaram, durante dias e noites infindáveis, através de florestas e desertos, até alcançarem um povoado oculto entre as montanhas. Apavorados, descobriram que o misterioso lugar era habitado por seres dotados de poderes sobrenaturais.

Os três, imediatamente, foram aprisionados e obrigados a trabalhar como escravos. Como um sempre ajudava os outros, todas as tarefas foram concluídas. Por isso, após um ano de cativo, foram soltos. E, como prêmio pelos serviços prestados, cada um recebeu um presente mágico.

O irmão mais velho ganhou um espelho, no qual podia ver qualquer coisa que estivesse acontecendo. O do meio ganhou um tapete voador, capaz de levar seu dono aos lugares mais distantes, numa velocidade impressionante. E o irmão mais novo ganhou uma rede de malhas de aço, com a qual podia capturar o que quisesse.

À noite, o irmão mais velho viu em seu espelho que a princesa, por quem ainda eram enamorados, iria se casar naquele exato instante com um monstro que havia se disfarçado de humano.

Os três, na mesma hora, subiram no tapete do irmão do meio e, cruzando os ares, chegaram bem a tempo de interromper a cerimônia. E, graças à rede do irmão mais novo, aprisionaram o monstro.

O rei, agradecido, resolveu dar a filha em casamento a um dos rapazes. Mas ele pensou, pensou e não conseguiu escolher nenhum dos três. Pois, de acordo com os conselheiros reais, todos os irmãos haviam tido um papel importante.

Eu também, quando conto esta história, sempre fico na dúvida. E, você, leitor? Em sua opinião, qual dos três irmãos merece receber a mão da bela princesa? O dono do espelho, o do tapete ou o da rede? Por quê?

Rogério Andrade Barbosa. Folha de S. Paulo, 18 nov. 2006. Folhinha. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di18110620.htm>



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Os três irmãos foram aprisionados e após um ano foram soltos, como eles conseguiram a liberdade?
2. Em sua opinião, qual dos três irmãos merece receber a mão da bela princesa? Por quê?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Vendedor de sustos

Naquela cidadezinha, passa todo tipo de gente: ciganos que liam as mãos, amoladores de facas, comerciantes de enciclopédias. Mas nenhum vendedor de sustos.

Por isso, todo mundo ali achou graça quando, certa manhã, ele estacionou *trailer* perto da praça e pendurou no galho de uma árvore a placa: Vende-se susto. R\$ 1,00.

Mas quem ia querer levar susto e ainda pagar por ele? Não era um bom negócio...

No primeiro dia, o vendedor de sustos ficou até a noite, debruçado no balcão do *trailer*, à espera de algum interessado. Ninguém apareceu.

No segundo dia, ele colocou novamente a placa no galho da árvore e só a recolheu no pôr do sol. Também não vendeu um sustinho sequer.

Mas, no terceiro dia, a maior fofoqueira da cidade não resistiu e, bem cedinho, foi ao *trailer* dele xeretar.

— Que tipo de susto o senhor tem aí? — ela perguntou.

— Só um tipo — o vendedor respondeu. — Sustou bom!

— Susto bom? — ela estranhou. — E como é que é um susto bom?

— A senhora tem de comprar pra descobrir — ele respondeu.

— E se eu não gostar? — ela perguntou.

— Eu devolvo o seu dinheiro.

— Então, me vê logo um susto!

O vendedor entrou no *trailer* e voltou com um papel na mão. Entregou-o a ela e disse:

— Pronto!

A fofoqueira desdobrou o papel, leu e... levou um susto!

Um susto bom.

Tão bom que até achou engraçado.

No papel estava escrito: Espalhe a novidade!

Ela pagou o vendedor e saiu às pressas, animadíssima, para fazer a fofoca. Era tudo o que desejava.

Entrou na padaria ali perto e disse ao padeiro, apontando o *trailer*:

— Acabo de levar um susto do homem lá!

— E a senhora não ficou com medo? — o padeiro perguntou.

— Medo? — ela sorriu. — Não! Foi um susto bom.

— E como é um susto bom? — ele quis saber.

— Compre o seu e descubra! — ela respondeu.

— Pra mim foi um susto perfeito!

CARRASCOZA, João Anzanello; ilustrações Juliana Russo. Vendedor de sustos. São Paulo: FTD, 2014. (pp⁵¹⁻⁵⁴)



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que o vendedor vendia? Qual a sua opinião sobre a venda deste produto?
2. Qual foi o susto vendido para a fofoqueira?
3. Por que o susto foi considerado perfeito pela fofoqueira?

TEXTO II



Ficha de Leitura

REINO ADORMECIDO

1ª ATO – cena 1

Praça do reino, bastante colorida. É dia de festa. No centro da praça, ao fundo, vê-se uma torre com um relógio bem grande ao alto.

Os súditos, moradores do reino, cantam e dançam uma música animada. Jogam confete e serpentina na plateia.

De repente, ouve-se um grito feminino muito alto, vindo de fora do palco, e um barulho seco. Súditos interrompem a dança e a cantoria, assustados.

SÚDITO 1 — Que barulhão foi esse?

SÚDITO 2 — O que será que aconteceu? Será que alguém caiu?

SÚDITO 3 — Deus me livre, atchim e amém: o barulho veio lá das bandas do castelo!

Ouve-se o som de uma trombeta e em seguida entre em cena o Arauto Real.

ARAUTO: Atenção, muita atenção, povo do Reino Alegre. Tenho um anúncio muito triste a fazer. *Súditos se entreolham apreensivos.*

ARAUTO: A linda princesa Clarice caiu do alto da torre do palácio e morreu.

TODOS: OOOOHHHH!

SÚDITO 3: Mas morreu assim... bem morrida?

SÚDITO 1: Silêncio rapaz! Respeite o Arauto Real.

ARAUTO: *(pigarreando)* — Como eu ia dizendo, a linda princesa Clarice caiu do alto da torre do palácio e morreu... Portanto, por decreto de Sua Majestade, o Rei Soberano, a partir de hoje todos os súditos devem retirar suas roupas coloridas e vestir roupas pretas. O Reino Alegre está de luto.

Arauto se retira.

SÚDITO 2: Mas que tragédia! Coitadinha da Rainha!

SÚDITO 1: E do Rei, então! Ele perdeu sua filha única.

SÚDITO 2: Perdeu seu xodó!

SÚDITO 3: Seu docinho de coco dietético.

SÚDITO 2: E agora, o que vamos fazer?

SÚDITO 1: Ora bolas, o que vamos fazer... Vamos obedecer ao decreto real! Decreto real não se discute, cumpre-se!

SÚDITO 3: Cúmplice? Eu não sou cúmplice de nada não, meu amigo. Não tenho nada com isso!

SÚDITO 1: Eu não falei *cúmplice*. Falei *cumpre-se*. Decreto do Rei a gente cumpre. Todo mundo de roupa preta.

SÚDITO 2: Eu acho que não tenho nenhuma roupa preta...

SÚDITO 3: *(debochando)* — *Compre-se. (imitando o Súdito 1)* É decreto do Rei! *Cumpre-se e compre-se!*

SÚDITO 1: Se você não parar com essas piadinhas agora mesmo, eu...

SÚDITO 2: Vamos deixar de briga, gente. Vocês nunca combinaram, vão brigar agora?

SÚDITO 1: Mas ele fica provocando!

SÚDITO 2: Chega! Temos que arrumar logo essas roupas pretas. O Rei não vai querer ver nenhuma corzinha na cidade. Nem uma!

Todos olham para a plateia e fazem caras preocupadas.

CUNHA, Leo. O reino adormecido: peça em 3 atos; ilustrações de André Neves.

Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2020. (pp.6-7)

Glossário

Arauto – Emissário de um príncipe, encarregado de levar e fazer ouvir as ordens dele.

Decreto – Ordem, decisão ou determinação legal, emitida por uma autoridade superior, pelo chefe de Estado, por uma instituição, civil ou militar, laica ou religiosa.

Súdito – Quem está submisso às vontades de outra pessoa; subordinado: ele era súdito do rei.

Disponível em <https://www.dicio.com.br/sudito/>.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. O que aconteceu no Reino Alegre?
2. O que o Rei decretou?
3. Por que o decreto do Rei precisa ser cumprido?

TEXTO I



Ficha de Leitura

Os bichos da minha casa

Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e o meu coração vai ouvir. Peço que leiam esta história até o fim. Vou contar umas coisas: minha casa tem bichos naturais. Bichos naturais são aqueles que a gente não convidou nem comprou. Por exemplo, nunca convidei uma barata para lanchar comigo.

Minha casa tem muitos bichos naturais, menos rato, graças a Deus, porque tenho medo e nojo deles. Quase todas as mães têm medo de rato. Os pais não: até gostam porque se divertem caçando e matando esse bicho que detesto. Vocês têm pena de rato? Eu tenho porque não é um bicho bom para a gente amar e fazer carinho. Vocês fariam carinho num rato? Vai ver vocês nem têm medo e em muitas coisas são mais corajosos do que eu. Tenho um amigo que, quando era menino, criou um rato branco. Fiquei com tanto nojo que só quero apertar a mão de meu amigo quando passar o susto. Seu rato era, na verdade, uma rata e se chamava Maria de Fátima. Maria de Fátima morreu de um modo horrívelzinho (eu digo horrívelzinho porque no fundo estou bem contente): um gato comeu ela com a rapidez com que comemos um sanduíche.

Como eu ia dizendo, os bichos naturais da minha casa não foram convidados. Apareceram assim, sem mais nem menos.

Por exemplo: tenho baratas. E são baratas muito feias e muito velhas que não fazem bem a ninguém. Pelo contrário, elas até roem a minha roupa que está no armário. [...]

Barata é outro bicho que me causa pena. Ninguém gosta dela, e todos querem matá-la. Às vezes o pai da criança corre pela casa toda com um chinelo na mão, até pegar uma e bate com o chinelo em cima até ela morrer. Tenho pena das baratas porque ninguém tem vontade de ser bom com elas. Elas só são amadas por outras baratas. Não tenho culpa: quem mandou elas virem? Vieram sem serem convidadas. Eu só convido os bichos que eu gosto. E, é claro, convido gente grande e gente pequena.

Sabem de uma coisa? Resolvi agora mesmo convidar meninos e meninas para me visitarem em casa. Vou ficar tão feliz que darei a cada criança uma fatia de bolo, uma bebida bem gostosa, e um beijo na testa.

Outro bicho natural de minha casa é... adivinhem! Adivinharam? Se não adivinharam não faz mal, eu digo a vocês. O outro bicho natural de minha casa é a

lagartixa pequena. São engraçadas e não fazem mal nenhum. Pelo contrário: elas adoram comer moscas e mosquitos, e assim limpam minha casa toda. [...] O que eu não entendo também é o paladar horrível que a lagartixa tem por moscas e mosquitos. Mas é claro: como não sou lagartixa, não gosto de coisas que ela gosta, nem ela gosta do que eu gosto. [...]

Agora vou falar sobre bichos convidados, igual ao meu convite para vocês. Às vezes não basta convidar: tem-se que comprar.

Por exemplo, convidei dois coelhos para morar com a gente e paguei um dinheiro ao dono deles. Coelho tem uma história muito secreta, quero dizer, com muitos segredos.

Eu até já contei a história de um coelho num livro para gente pequena e para gente grande. Meu livro sobre coelhos se chama assim: O mistério do coelho pensante. Gosto muito de escrever histórias para crianças e gente grande. Fico muito contente quando os grandes e os pequenos gostam do que escrevi. Se vocês gostam de escrever ou desenhar ou dançar ou cantar, façam porque é ótimo: enquanto a gente brinca assim, não se sente mais sozinha, e fica de coração quente.

Clarice Lispector. **A mulher que matou os peixes**. 13. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
(Fragmento adaptado).



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. A narradora afirma que gosta de escrever para crianças e gente grande. Para quem você acha que ela escreveu essa história? Por quê?
2. Quais são as personagens apresentadas pela narradora?
3. Onde se passa a história contada (o cenário)?
4. Ratos e baratas provocam na narradora três sensações: medo, nojo e pena. Como ela explica essas sensações contraditórias?

TEXTO II



Ficha de Leitura

O fantástico mistério de Feiurinha

Personagens: Feiurinha, Príncipe, Ruim, Malvada, Piorainda, Belezinha [...]

Cenários: São quatro ambientes. Os três primeiros vão alternar-se no centro do palco e o quarto (a sala de trabalho do Escritor) estará o tempo todo à esquerda do prosccênio:

1º cenário: O salão do castelo da Dona Branca Encantado, que deve sugerir o luxo de histórias de fadas. Cadeiras de espaldar alto, forradas de vermelho e pintadas de dourado, um canapé do mesmo jeito, cortinas de veludo vermelho, um grande espelho com moldura exagerada e a esquadria de uma imponente porta de entrada do salão protegida por batedeiras pretas. Ao fundo, rotunda preta. O ambiente aristocrático e de luxo pode ser sugerido por uma grande janela, com vitrais coloridos, por onde passa luz, projetando as cores por todo o cenário. Ao lado da cadeira principal, que será ocupada pela Dona Branca Encantado, desce do alto um vistoso puxador de campainha, com o qual ela chamará Caio, o Lacaio.

2º cenário: A humilde casa dos pais de Feiurinha.

3º cenário: O interior da pavorosa casa das bruxas.

4º cenário: A sala de trabalho do Escritor, que deverá permanecer durante toda a peça. Uma estante cheia de livros, uma mesa com uma máquina de escrever, atulhada de papéis em desordem, a cadeira de trabalho do Escritor e uma pequena poltrona de visita, na frente da mesa. [...]

Piorainda: Aqui está, querida Feiurinha!

Malvada: Este é o nosso presente de casamento!

Ruim: Quem vestir esta pele de urso será linda para sempre e feliz para toda a eternidade!

Feiurinha: Obrigada! Vocês são tão bondosas... Não precisavam se incomodar!

Piorainda: Incômodo nenhum, queridinha... É nossa obrigação...

Belezinha: Vamos, vista!

De costas para a plateia, Feiurinha veste a pele de urso. Abaixa a cabeça, vestindo a cabeleira, o chapéu e a máscara de bruxa. Efeito de explosão de gelo-seco, fumaça e tudo o mais. Feiurinha volta-se para a plateia transformada em bruxa.

Feiurinha: Socorro! O que aconteceu comigo? As quatro bruxas pulam de alegria e dançam felizes em volta da nova companheira.

Belezinha: Ah, ah, ah! Agora você é uma de nós! **Ruim:** Esta pele de urso é o feitiço mais poderoso da Terra! **Malvada:** Torna velha uma mulher jovem... **Piorainda:** ... e feia se ela for linda! **Feiurinha:** Não! Não! Belezinha: Pensou que podia fugir da gente? Ah, ah! Pois fuja agora!

Ruim: E não adianta tentar tirar a pele de urso! É um feitiço poderosíssimo que só pode ser desatado por uma certa espada de prata!

Piorainda: Ui, como nós somos terríveis! **Malvada:** Onde estão seus dentes brancos, Feiurinha?

Piorainda: Cadê seus cabelos de seda? **Belezinha:** E seus olhos de água?

Feiurinha: Não! Não!

Ruim: Agora você já tem verrugas! Ah, ah!

Malvada: Não está contente, Feiurinha? Vamos, dance com a gente!

Belezinha: Agora somos cinco! Ah, ah, ah!

Piorainda: Ui, como nós somos terríveis!

Feiurinha: cai de joelhos e esconde o rosto nas mãos.

Feiurinha: Não! Oh, não!

Belezinha: Feiurinha! Agora você é a bruxa Feiurinha!

Ruim: Para sempre!

Malvada: Para sempre!

Piorainda: Ui, como nós somos terríveis!

Ouvem-se galopes de cavalos. Todas param de fazer barulho. Feiurinha ergue a cabeça. Ouvem-se clarins e entra o Príncipe, ricamente vestido e de espada na cinta. Todas: O Príncipe Encantado!

Príncipe: Suas bruxas malvadas! Onde está a Feiurinha?

Feiurinha: (Correndo para ele:) Sou eu, meu amor! Essas malvadas me transformaram em bruxa! Salve-me!

Belezinha: Não acredite nela, meu querido! Feiurinha sou eu! Eu é que fui enfeitiçada!

Malvada: (Agarrando-se às vestes do Príncipe:) Não! Sou eu a Feiurinha! Não acredite em mentiras! Case comigo!

Ruim: Todas elas mentem, meu Príncipe! Eu sou a Feiurinha! Você tem de casar comigo!

Piorainda: Feiurinha sou eu! Sou eu! Fui enfeitiçada para enganá-lo! Case comigo! Você prometeu!

Príncipe: (Desembainhando a espada de prata:) Suas ruindades! O que fizeram com a minha amada? Só uma de vocês está falando a verdade. Todas as outras mentem. Quando eu descobrir quem são, juro que vou cortar a cabeça de todas com esta espada!

Piorainda: Isso mesmo! Case-se comigo e mate as outras!

Belezinha: Não! Comigo! As outras devem morrer! **Malvada:** É comigo que ele vai casar! Morte às outras! **Ruim:** Comigo! Que morram as outras! **Feiurinha:** (Ajoelhando-se e abraçando-se às pernas do Príncipe:) Não, meu amor, não faça isso! Elas são malvadas, mas me criaram desde pequeninha. Me judiaram e me fizeram trabalhar demais, mas eu não quero mal a elas. Pelo meu amor, poupe a vida delas! **Príncipe:** (Pegando Feiurinha pelos ombros e levantando-a:) Meu amor! Só você pode ser a Feiurinha! Só uma menina maravilhosa como a Feiurinha poderia ser tão generosa! O que essas malvadas fizeram com você? **Feiurinha:** Elas me fizeram vestir esta pele de urso. É um feitiço que me transformou em bruxa. Só pode ser desatado por uma certa espada de prata... **Príncipe:** Então, que essa espada de prata seja a minha espada! O Príncipe saca a espada e corta os cordões que atam a pele de urso. Explosão de gelo-seco. Cai a pele e surge Feiurinha. [...]

Pedro Bandeira. **O fantástico mistério de Feiurinha:** teatro. São Paulo: FTD, 2001. (Fragmento).

Glossário

Aristocrático: relacionado à nobreza.

Canapé: um tipo de sofá.

Clarins: instrumentos musicais de sopro, trombetas.

Espaldar: o encosto da cadeira.

Proscênio: palco.

Rotunda: pano de fundo.



Compreensão Textual

Professor, ao término da leitura, faça perguntas de compreensão, como:

1. Quem eram as vilãs da história?
2. Quem foi o herói da história?
3. O que a pele de urso causou em Feiurinha?